

Companhia de Lanifícios da Chemina

Alexandra de Carvalho Antunes | Professora; Doutora em Arquitectura

apc.antunes@clix.pt

Abraham Araújo | Arquitecto

abrahamaraujo@sapo.pt



1

O reconhecimento do valor do Património Industrial não tem, no nosso país, mais de três décadas. Trata-se de um Património considerado menor, de matriz funcional e relacionado com o labor de classes pouco privilegiadas. O seu estudo e valorização, favorecendo a salvaguarda e reconversão destes espaços de características e potencialidades únicas, mantêm vivas as memórias de gerações.

O imponente edifício da centenária Companhia de Lanifícios da Chemina ocupa um lugar sobranceiro sobre a vila de Alenquer, nos terrenos da antiga Quinta da Chemina, junto ao rio de Alenquer.

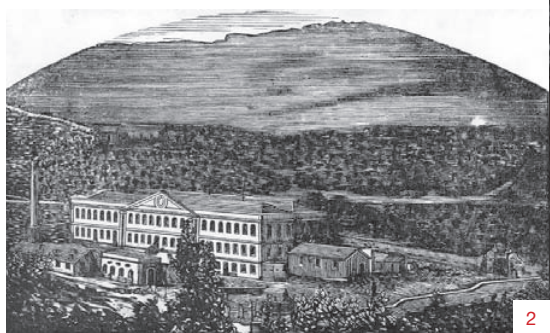
A Companhia, fundada por uma sociedade em comandita no ano de 1889, resultou dos esforços dos irmãos empreendedores José Joaquim dos Santos Guerra e Salomão dos Santos Guerra. Ambos foram gerentes da fábrica e membros dos órgãos sociais da Caixa Económica Operária Alenquerense. Durante cerca de um século, entre 1890 e 1993, apesar de alguns interregnos, deu trabalho a muitos dos filhos da terra. No seu pico de laboração, em 1934, chegou a empregar 235 operários.

O projecto do edifício inicial (**Fig. 2**) é da autoria do arquitecto José Juvêncio da Silva - que em 1886 havia projectado, também, os Paços do Concelho de Alenquer.

A construção da fábrica foi muito rápida, iniciou-se a 8 de Abril de 1889 e em Junho do ano seguinte foi inaugurada e começou a produzir.

A Fábrica da Chemina era uma das mais conceituadas fábricas de lanifícios portuguesas. Ao contrário das restantes fábricas alenquerenses, que dependiam da força motriz da água, a Chemina usava, à data da sua fundação, o vapor. A caldeira, de fabrico português, fazia trabalhar toda a maquinaria de origem francesa, alemã, belga e inglesa.

1 | Antiga Fábrica da Companhia de Lanifícios da Chemina - Alenquer.



2 3



2 | Companhia de Lanifícios da Chemina em 1896, conforme o projecto inicial. [Arquivo Histórico C.M. Alenquer]

3 | Companhia de Lanifícios da Chemina, Empresa Lanifícios Tejo, cerca de 1960. [Arquivo Histórico C.M. Alenquer]

“

“A Fábrica da Chemina era uma das mais conceituadas fábricas de lanifícios portuguesas. Ao contrário das restantes fábricas alenquerenses, que dependiam da força motriz da água, a Chemina usava, à data da sua fundação, o vapor.”

”

A fábrica compreendia o edifício principal, ocupado pelas oficinas de cardação, fição e tecelagem e os edifícios anexos. Nestes funcionavam: carpintaria, estufa, caldeira, prensas, armazéns, a secção de ramelã e uma das melhores apetrechadas tinturarias do país. Em 1895 foi instalada a iluminação eléctrica. Tal como a Fábrica da Romeira, outra fábrica de fição e tecidos alenquerense, a Fábrica da Chemina deve ter possuído geradores eléctricos, pois só em 1920 se estabeleceu iluminação pública na vila de Alenquer. Em 1904 a edificação industrial foi ampliada, recebendo um segundo corpo semelhante ao inicial (Fig. 3), e passando a ter a área de implantação que na actualidade lhe conhecemos. Por esta razão o edifício é coroado por dois frontões. Os dois corpos são de igual comprimento e métrica de alçado, apenas diferem na sua largura. O sucesso não foi uma constante. Ao longo da sua vida, a fábrica mudou de proprietário três vezes, na tentativa de ultrapassar as diversas crises. Nos primeiros anos da década de 1990, foi criada a empresa Alentêxtil, que dividia as instalações da fábrica com a Empresa Lanifícios Tejo. A primeira fabricava fios de lã, a segunda continuava a produzir fazendas. Das duas centenas de pessoas que a fábrica chegou a empregar, restavam menos de 20 funcionários. A fábrica acabou por falir, em 1993, e os edifícios foram adquiridos pela Câmara Municipal de Alenquer.

Património em risco:

Estado actual e perspectivas futuras

Em Março de 2000 o edifício principal do agora património municipal sofreu um incêndio de efeitos devastadores. Toda a estrutura de madeira de cobertura e de pisos, além das caixilharias dos vãos, desapareceram. Depois do catástrofe foi apresentado, pelo arquitecto Luís Freitas, um estudo para reabilitação e conversão em espaço cultural. Alguns anos mais tarde a câmara municipal abriu um concurso internacional para a apresentação de propostas de reabilitação e exploração dos edifícios da antiga fábrica. Foi apresentada uma única proposta, que pretendia ali instalar uma clínica, um lar de idosos e um hotel. Por razões de ordem diversa este projecto não se realizou. Actualmente, o edifício encontra-se em pré-ruína. Para isto contribuiu grandemente o incêndio que o desproveu da cobertura. No entanto, a super-estrutura aparenta estar estável. A acção das águas das chuvas faz-se notar na total oxidação dos elementos estruturais metálicos, em parte retorcidos pelo incêndio, na proliferação de colonização biológica e no apodrecimento de materiais porosos e/ou orgânicos.

Em Maio do corrente ano, foi apresentado, à autarquia, um estudo de vocação imobiliária com novas ideias para a exploração do vetusto espaço industrial. Aguardamos o parecer do executivo camarário. Será o ponto de partida para o que se espera possa vir a ser uma intervenção de reabilitação e de redignificação deste valioso testemunho da história e da cultura desta região ■

BIBLIOGRAFIA E FONTES

Assembleia Municipal de Alenquer. Acta da sessão de 30/09/2010.
Henriques, Guilherme João Carlos (1914). Alenquer e o seu concelho. Lisboa: A liberal oficina typographica (2ª ed., correcta e aumentada).
Jornal d'Alenquer, n.º 229, 17/02/1918.
Jornal de Alenquer, n.º 4, 10/06/1977. (Jornal) Damião de Góis, 1889-1893.
Nova Verdade, n.º 448, 30/09/1994.
Nova Verdade, n.º 592, 30/12/2000.
O Alemquerense, n.º 209, 04/03/1892.
Portugal. Direcção Geral do Comércio e Industria (1891). Inquérito industrial de 1890. Lisboa: Imprensa Nacional.
Raposo, Francisco Hipólito (1985). Estremadura e Ribatejo: em passeio de braço dado. Lisboa: Mobil Oil Portuguesa.
www.cm-alenquer.pt (Património Arquitectónico)

AGRADECIMENTOS:

C.M. Alenquer:
Arquivo Histórico e Arquivo Fotográfico;
Sr.ª D. Manuela Franco;
Sr. Filipe Rogeiro;
Sr. Bruno Ribeiro.